

O Regresso do Concerto, por Henrique Raposo

Richard Haass, *The Opportunity: America's Moment to Alter History's Course*, PublicAffairs, 2005, 256 pp., ISBN 1586484532

Richard Haass foi conselheiro de Colin Powell no Departamento de Estado americano. Hoje lidera um dos mais influentes centro de estudos, o *Council on Foreign Relations*. Em *The Opportunity*, Haass apresenta-nos a sua visão sobre a Grande Estratégia americana para o século XXI e responde à questão normativa: como deve a América actuar?

Durante a segunda metade do século XX, Washington conteve a URSS. Na primeira metade do século XXI, Washington deve tentar integrar a China na actual Ordem Internacional Liberal. A questão não é saber se a China será ou não um grande Poder. A ascensão chinesa é inevitável. A questão central é de outra natureza: como usará a China o seu poder? Por isso, Haass apresenta a «Doutrina da Integração». Os EUA têm a oportunidade de integrar todos os grandes poderes (sobretudo Pequim) nesta globalização, evitando, assim, a emergência de tendências revisionistas. A primeira globalização (*grosso modo*, 1860-1914) terminou quando a Alemanha unificada se transformou numa potência revisionista do *status quo* liderado por Londres. Hoje, convém evitar que a China se transforme numa 'Alemanha' global.

Esta integração entre os grandes poderes implica uma estratégia americana que contemple a estabilidade de alianças estratégicas (com democracias liberais) e a vitalidade de fóruns como o G-8, OMC, FMI (fóruns abertos a todos os Estados). No fundo, trata-se de reforçar a estratégia liberal americana mantida desde 1947. E, por en-

quanto, esta estratégia de integração, recorda-nos Haass, construiu uma novidade: pela primeira vez na história do sistema internacional, os grandes poderes do momento (EUA, Europa, China, Rússia, Japão, Índia) não se confrontam na clássica luta realista de soma zero.

A ideia mais interessante do livro acaba por ser a comparação que Haass traça entre a sua «Doutrina da Integração» e o velho Concerto europeu do século XIX. O Concerto (Áustria, Prússia, Reino Unido, Rússia, França) manteve a Ordem na Europa durante um século (1815-1914). E, seguindo o trabalho de Paul W. Schroeder, é bom lembrar que o Concerto de Viena foi isso mesmo: um Concerto e não um mero Equilíbrio de Poder. A Ordem não foi estabelecida através de um mecânico contrabalançar entre partes iguais. Só um exemplo: era impossível comparar o poder do Império Britânico (potência global) com o poder da pequena Prússia (potência regional). Esta Ordem teve como pano de fundo a hegemonia de duas potências: o Império Russo e, sobretudo, o Império Britânico. Sob a guarida desta dupla hegemonia, criou-se uma ordem internacional baseada no acordo normativo sobre regras de actuação (*rules of the road*). Este acordo garantia uma previsibilidade às relações entre Estados que seria impossível de alcançar num mecânico equilíbrio de poder. Por outras palavras, construiu-se uma sociedade de Estados que se elevou acima do mero sistema de Estados. E o acordo de 1815, como salienta Haass, «was never institutionalized, much less codified as some form of world government; rather, what emerge were a set of understandings» (p. 18). Um conjunto de regras não-escritas (ex: nenhum poder poderia actuar sozinho) conduziu a Europa ao seu período áureo.

Para Haass, o século XXI deve assentar em algo semelhante ao velho Concerto. A hegemonia americana tem, neste momento, a oportunidade de criar um concerto à escala mundial entre os grandes poderes. Utilizando uma linguagem próxima de Hedley Bull e da escola da Sociedade Internacional, Haass afirma que os EUA devem trazer para o centro da Ordem Internacional os restantes Grandes Poderes. A Doutrina da Integração, na prática, representa a manutenção e o aprofundamento dos laços liberais da globalização. Washington deve *encaminhar* os outros países para os benefícios da globalização em termos de liberdade política, de oportunidade económica e de segurança estratégica. Enfim, Haass apresenta-nos uma reatualização da velha estratégia do realismo liberal americano (*Hamiltonianismo*, no vocabulário do historiador Walter Russell Mead); um realismo que funde o cálculo estratégico clássico com o cálculo económico típico de uma república liberal.

Uma preocupação atravessa todas as páginas em *The Opportunity*: que herança legará a hegemonia americana à posteridade? E Haass responde a essa apreensão da seguinte forma: num futuro (mais ou menos próximo), a hegemonia americana não deve dar lugar a um anárquico sistema de Estados; Washington deve trabalhar no sentido de criar um consenso normativo entre os grandes poderes, a fim de criar aquilo que Amitav Acharya (reputado especialista de Singapura) apelidou de *multipolaridade normativa*, isto é, um Concerto de Estados assente entre regras comuns. A *multipolaridade estruturalista* (ausência de consenso normativo) não é uma inevitabilidade.

O século XXI, segundo Haass, deve basear-se num Concerto entre Estado soberanos. Não se trata de universalismo multilateralista *pós-político*, nem de anarquia multipolar assente num conceito *pré-político* (estado natural). Falamos de Ordem *política* assente em regras políticas partilhadas pelos únicos actores políticos da cena internacional, os Estados.

A prescrição de Haass não anda muito longe da realidade.